

De Antigua ao presente

From Antigua to present day

Renato Janine Ribeiro
Universidade de São Paulo
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2974-0742>

Resumo

Celebrando os oitenta anos de Álvaro Vasconcelos, o texto aborda o longo e profícuo caminho que percorremos, desde que nos conhecemos na Guatemala, até aos dias de hoje. Um percurso repleto de salutareos encontros e instigantes reflexões sobre o mundo.

Palavras-chave: Liberdade; Democracia; Amizade.

Abstract

In celebration of Álvaro Vasconcelos' 80th birthday, the text addresses the long and fruitful path we have traveled since we met in Guatemala until the present day. A journey full of wholesome encounters and thought-provoking reflections on the world.

Keywords: Freedom; Democracy; Friendship.

Conheci Álvaro Vasconcelos, que se tornaria um grande e querido amigo, em Antigua, na Guatemala, onde estivemos para um encontro ibero-americano. Eu estava lá, convidado por meu amigo Sergio Rouanet, que tinha sido ministro da Cultura do Brasil, para o simpósio, que tinha por foco a cultura em nossa parte do mundo. Lembro que, quando Sergio mencionou “Antigua”, pensei que fosse a ilha caribenha – não, era uma bela cidade histórica, toda quadriculada, ilustração perfeita da distinção que Sergio Buarque de Hollanda estabeleceu entre a urbanização portuguesa e a espanhola nas Américas; aquela, seguindo os traços naturais de rios e colinas, semeando, portanto, e esta, impondo a ordem de paralelas e perpendiculares à natureza, ladrilhando assim o mapa urbano. Foi também a primeira vez que vi uma piscina aquecida, no hotel em que ficamos.

Para identificar o ano, lembrei que pouco tempo após nosso encontro, o presidente da Guatemala, que se chamava Jorge Serrano Elías, deu um golpe de Estado; foi,

portanto, em 1993. Mas os ventos estavam contrários a golpes, a maré democrática crescia na América Latina, Collor fora afastado no ano anterior, outros também perderiam o cargo; o Estado democrático de Direito crescia. O presidente Serrano assim fracassou em seu intento, e a Guatemala voltou à democracia, que era e continua sendo um desafio forte para a América Latina, da qual podemos dizer o que afirmava Porfirio Díaz de seu país, “pobre México, tão longe de Deus, tão perto dos Estados Unidos”, proximidade essa que deu ocasião a inúmeras ditaduras cúmplices dos negócios norte-americanos.

Álvaro, desde os primeiros contatos, se mostrou quem ele é: uma pessoa de simpatia irradiante. Puxava e puxa conversa, levanta questões, se interessa por suas opiniões e sua vida, logo trata os amigos de *tu*. No Brasil, como nem todos os portugueses sabem, embora haja regiões em que o *tu* funciona – os dois estados mais ao Sul, a cidade paulista de Santos, a zona norte da cidade do Rio de Janeiro, vários estados do Norte e Nordeste – a principal forma de tratamento afetuosa e próxima é o *você*, que em Portugal dá sinais de rudeza; nossos irmãos europeus distinguem meticulosamente a segunda pessoa, que para eles é o tradicional *tu*, e a terceira, para a qual deportam aqueles que não lhes são próximos, com um leque enorme de variações, indo desde a reiteração amistosa e afetuosa do nome próprio (“o Álvaro quer?”, “o Renato virá?”) até inúmeras titulações, das quais a mais antiga e hoje em declínio é o famoso, hierárquico e para nós algo estranho “o senhor doutor”.

Muitos portugueses parecem acreditar que nosso uso do *você* expressa um formalismo; na verdade, formal, para a maior parte da população brasileira, aquela maioria que usa *você*, é o *tu*: Mário de Andrade e Manuel Bandeira, um século atrás, assim começaram a trocar cartas usando o *tu*, mas quando se sentiram mais íntimos, mais confortáveis um com o outro, largaram o que para eles (e para a maioria de nós) é uma expressão literária, escrita, formal (a reverberar o “estas mal traçadas linhas”) e passaram ao *você*. Mas, na troca entre portugueses e brasileiros, a igualdade como a sentimos deste lado do Atlântico está em eles usarem o *tu* e nós, o *você*. Álvaro, como disse, não se prende aos estereótipos e logo dá *tu* aos amigos, não importando a forma com que lhe retribuamos; somos tão informais quanto ele, por isso usamos o *você*.

Pois não é que, perto de Antigua, ele descobriu que havia uma feira de artesanato indígena, convidou-me a ir com ele, mais uma amiga sua, portuguesa; esta se atrasou tanto que, para não perdermos a feira, que tinha hora de fechar, fomos só nós dois. (Soube que ela ainda hoje se queixa, brincalhona, de não a termos esperado). Lembro cores: a predominância de azul, verde, algum vermelho ou laranja. Lembro tecidos: desde panos até bonecos. Acredito lembrar também uma marca registrada da Guatemala, que são aqueles bonequinhos minúsculos que vêm numa caixinha e que servem, dizem eles, para nos dar sonhos bons. Não sei o que comprei por lá, mas lembro que

tivemos uma ótima conversa, que iniciou esta nossa já longa amizade, que vence as distâncias no tempo e no espaço.

Uns anos depois, com a esposa, que infelizmente depois faleceu, e as filhas, estive aqui em São Paulo; nós nos vimos no Museu de Arte, o MASP, e continuamos a amizade. De lá para cá, escrevi na revista que ele criou, *O mundo em português*, um título que é um achado (Álvaro brinca comigo, porque nas atividades que fazemos juntos, eu peço títulos que chamem a atenção; ele afirma que eu os quero *sexy*; pois vejam, o primeiro título *sexy*, quem o deu foi Álvaro – um título que fala tanto de nossa língua, quanto do papel de nossos povos no mundo – o mundo, como é para nós, nós o que queremos para o mundo). Um resultado feliz, para mim, desta colaboração foi que, quando pedi a cidadania portuguesa, com base em meu avô, que nasceu no Porto em 1874 e migrou para cá bem moço, os artigos que lá publiquei, e os encontros a que ele me convidou, serviram para comprovar meus laços com Portugal. Por sinal, na família diziam que vovô era da Extremadura; só quando obtive sua certidão de nascimento, soube que era tripeiro.

Álvaro tem um dom talvez único para juntar pessoas em discussões profícuas. Perdi a conta de quantos congressos ou, mais vezes até, encontros informais eu frequentei a seu convite, dos dois lados do oceano. Há poucos meses, em setembro de 2023, por ocasião de uma viagem minha a Portugal, de férias, em que ele me hospedou no Porto e em Lisboa, assim fui direto do aeroporto para a aldeia de Curia, onde passamos dois dias conversando, modestos que somos, sobre o mundo, com um grupo extraordinário – alguns deles velhos amigos do Álvaro ou meus, outros, pessoas que ele identificou, expressando novas preocupações e novos ideais. Ele consegue formular as perguntas adequadas, fazer circular a fala, ir direto ao ponto – e fazer com que todos nós também sigamos direto ao ponto, o que é uma façanha, já que todos nós somamos o gosto de falar à falta de objetividade, aos desvios, delongas, narizes de cera; e mais que isso, ele procura, ainda que tenhamos tão pouco poder, apenas o da palavra, ver em que ações podemos desembocar.

Este é um dos pontos em que convergimos: eu e ele somos amantes da palavra, da reflexão, da democracia, que inclui o respeito e até o cultivo das divergências, mas queremos que a carne se torne verbo, que a parolagem ceda à necessidade de agir, que das análises resultem atos. Meu pai me deu, na minha adolescência, um cinto que tinha escritas as palavras *Acta non verba*; é um pouco isso: ou melhor, palavras sim, mas que resultem em atos. Muitas vezes, há que confessar, palavras dispensam do imperativo ético de agir, servem como álibis; hoje, quando tanto se discutem nomes e classificações, é preciso que estes sirvam para unir os democratas, não para criar dissensões. Esta capacidade de articular as pessoas, de juntar seus ânimos, de orientar suas inquietações para ações emancipadoras, é mais um traço que admiro no Álvaro.

Para uma conclusão provisória, pois temos longos anos pela frente, vamos a suas memórias. Álvaro sempre diz que não é governado por essa palavra de que tanto se orgulham os lusófonos e os lusofalantes, que é *saudade*. Cresceu em Moçambique, de onde tem ótimas lembranças, mas não se deixa mandar pela nostalgia de um tempo passado. Suas memórias começam com um quadro de Moçambique e da África do Sul, para onde seguiu a fim de fazer a universidade, que é rico e chocante. Em particular me impactou ler as histórias dos trabalhadores, a quem seus patrões mandavam ir às delegacias (em Portugal, *esquadras*) com bilhetes nos quais se pedia que os policiais espancassem os próprios portadores da mensagem. Tudo isso, Álvaro relata com indignação, mas sem abusar, desnecessariamente, de adjetivos e advérbios, o que torna sua escrita mais forte do que se recorresse aos truques fáceis da retórica militante.

Esse episódio permite ilustrar a grande convicção democrática do Álvaro, que se expande constantemente, como é próprio da democracia. Este não é apenas um regime caracterizado por tais e quais instituições, mas tem dentro de si um princípio que a faz contagiar os mais diversos campos das relações humanas. Assistimos à contaminação democrática das relações de trabalho, hoje ameaçadas pelo neoliberalismo, das relações amorosas, expressas na igualdade de gênero e nos direitos de crianças e adolescentes, e necessitamos também democratizar a vida na empresa. Álvaro é particularmente atento às mensagens de inclusão, que têm sido o grande tema dos últimos anos.

Estou à espera do terceiro livro das memórias, que se anuncia também fascinante!

Álvaro, finalmente, celebro teus oitenta anos com os versos de Manuel Bandeira, postos em música por Heitor Villa-Lobos:

Saudamos o grande dia
Que tu hoje comemoras
Seja a casa onde moras
A morada da alegria
O refúgio da ventura
Feliz aniversário! ¹

¹ O leitor poderá sorrir: Manuel Bandeira, que se sentiu livre ao aposentar o *tu*, aqui o emprega, anos depois de suas cartas a Mário de Andrade. Mas tudo isso faz parte da literatura, que, como poucas atividades, tão bem expressa a ambiguidade das coisas humanas.